

O Futuro Segundo C.L.

Claire Williams (University of Oxford, Reino Unido)

Neste ano de tantos desafios e dificuldades sociais e humanos, em que estamos a comemorar o centenário do nascimento de Clarice Lispector, precisamos ter esperanças, acreditar que esta situação vai passar, e pensar além do presente. Dá-nos força pensar no futuro: o futuro da escrita, o futuro da leitura, o futuro das linhas de crítica sobre a escrita da autora. Este número especial da Revista Escrita funciona como uma amostra da riqueza e variedade dos estudos “clariceanos” no presente, dando pistas para possíveis leituras futuras.

Podemos considerar o último livro que Clarice Lispector publicou em vida, *A hora da estrela* (1977) uma espécie de testamento,¹ pela maneira em que dialoga com a morte, mas ele representa também um manual para escritores e leitores, que levanta questões prementes: por quê escrever um livro? para quê serve um livro?² É um romance altamente “aberto”³ e “escrivível”,⁴ um texto que se define e declara paradoxalmente como “um silêncio” e “uma pergunta” (31), que simultaneamente convida e provoca o leitor a entrar, escutar, tentar entender, colaborar e dar uma resposta. Os treze títulos alternativos indicam treze caminhos/romances/futuros diferentes.

Como os narradores confrontantes de, por exemplo, Machado de Assis, que dirigem a palavra aos caros leitores, em *A hora da estrela*, tanto Rodrigo S.M. como a Autora “(na verdade Clarice Lispector)”, falam com “vós”; o “vós” que somos nós. Ela até se identifica com “vós”/nós. É como se ela estivesse apontando um dedo para nós, e estendendo a mão:

¹ ‘The novel is, in fact, an epitaph for Lispector, a poetics of mortality’, Mark Axelrod. ‘The Poetics of Mortality in Lispector’s *The Hour of the Star*’. In *The Poetics of Novels: Fiction and its Execution* (Basingstoke: Macmillan/Palgrave, 1999), pp. 187-204, 204.

² LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. Vou fazer referência a esta edição em parênteses, dentro do texto.

³ Vê-se ECO, Umberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

⁴ Vê-se BARTHES, Roland. *S/Z: Uma análise do romance Sarrasine de Balzac*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

Esse eu que é vós pois não aguento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviesado [...]. Sei de muita coisa que não vi. E vós também. [...] Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém ma dê. Vós? (21-22)

Ele afirma o seu direito de narrador, conversando com ele próprio e questionando a prática da escrita (e leitura):

Mas tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vós. Por tudo isto é que não vos dou a vez. (27)

Não estou tentando criar em vós uma expectativa aflita e voraz: é que realmente não sei o que me espera [...]. (36)

Mas mesmo não deixando que colaboremos com ele, depende de nós para ouvir as suas indagações e dúvidas, e incorpora-nos no texto, utilizando o verbo na segunda pessoa do plural – “Desculpai-me” (29), “Cuidai” (33). Existimos porque ele e Macabéa acreditam em nós:

Não sabia que era infeliz. É porque ela acredita. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa – basta acreditar (41).

Disfarçada de Rodrigo, que está compondo o texto em nossa frente, Clarice nos ensina como se lê este livro: é um processo que não consiste em consumir passivamente (como os ouvintes da Rádio Relógio), mas em estar alerta, fazer perguntas (como Macabéa), questionar o estabelecido, e procurar a significação de elementos aparentemente insignificantes – como Macabéa, que gosta de buracos e parafusos. Porque Macabéa, mesmo magrinha e mal-nutrida, está “grávida do futuro” (98). Os outros personagens não sabem como interpretar a datilógrafa feia e ignorante, o que ela quer dizer, o seu valor, mas nos aprendemos a perceber a riqueza e complexidade da sua vida interior. Macabéa só morre quando Rodrigo para de escrevê-la e nos acabamos de lê-la.

A palavra futuro aparece uma dezena de vezes em *A hora da estrela*, quase sempre ligada à vida de Macabéa, para quem é algo fora do alcance (“ter futuro era luxo” [75]), de que ela tem saudade (45), mas que ela acaba por querer com uma “súbita voracidade” (95), pouco antes da hora da morte. Ela tem vários futuros possíveis dependendo dos caprichos do narrador e da sorte. Poderia ser “cerzideira” (41), “vagabunda de rua” (43) ou poderia ter um “futuro esplendoroso” (45), poderia casar com Hans, ou morrer num acidente de carro. A predição errada da cartomante mostra como o futuro não pode ser controlado ou decretado por meros mortais.

Quanto ao futuro: já resta alguma coisa a dizer sobre Clarice? Sempre! A sua escrita ambígua oferece-se a leituras variadas. A crítica já passou por fases,⁵ acompanhando a invenção de novas teorias críticas, lendo a obra pela lente do existencialismo, o feminismo, o pós-estruturalismo, a psicologia, a ciência, estudos culturais, estudos de tradução, e mais recentemente, o pós-humano e estudos queer e dos afetos. A Clarice já foi comparada a mil outros autores e artistas de todo tipo. A recepção crítica é ampla (veja só a bibliografia no site do Instituto Moreira Salles), e nos últimos quarenta anos foram escritos vários estudos seminais, mas, como Gilberto Figueiredo Martins afirmou recentemente, não se pode fazer uma leitura totalizadora da obra de Clarice.⁶ Cada tradução e cada adaptação para o teatro ou o cinema representa uma leitura nova que oferece perspectivas novas sobre o original e é importante que existam várias. Até o filho de Clarice, Paulo Gurgel Valente, faz uma leitura pessoal e nova de *A hora da estrela*, e afirma que “Among so many writings of my mother’s that I admire, I read and reread *The Hour of the Star*, always finding new ways of understanding it, of thinking about it—line by line, laughing, in constant admiration”⁷

Os artigos neste número especial e comemorativo, tão bem idealizado pelas editoras Marcela Lanius e Elizama Almeida, são uma prova viva da maneira em que a escrita de Clarice se adapta às leituras mais variadas. Os estudos clariceanos têm um futuro brilhante.

⁵ Em ‘Readers of Clarice, Who Are You?’, in *Closer to the Wild Heart: Essays on Clarice Lispector*, org. Cláudia Pazos Alonso and Claire Williams (Oxford: Legenda, 2002), 182-97, Nádya Battella Gotlib cita as fases identificadas por Benedito Nunes em *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector* (São Paulo: Ática, 1989).

⁶ Conferência ‘As fortunas de Clarice: Linhas de força da crítica’, proferida no Colóquio Internacional ‘Cem Anos de Clarice Lispector’, 19-21 de outubro de 2020, organizado por Yudith Rosenbaum e Cleusa Rios P. Passos da USP. <https://www.youtube.com/watch?v=pysLuQo6CfE>

⁷ Paulo Gurgel Valente, ‘My Mother, Between Reality and Fiction’, in *The Hour of the Star: Centennial Edition* (New York: New Directions, 2020), pp. 81-89, p. 88.